

O LABORATÓRIO DE MÍDIAS LOCATIVAS (LALOCA) E A PESQUISA HISTÓRICA: MAPEAMENTO DAS OBRAS ARQUITETÔNICAS DO ESTILO ART DÉCO EM JUIZ DE FORA

Lúcio Reis Filho¹, Alfredo Suppia²

Esta comunicação visa divulgar o trabalho do Laboratório de Mídias Locativas e Cinema GPS (LaLoca), baseado no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora. Primeiramente, trataremos da relevância do estilo *art déco* na arquitetura de Juiz de Fora, Minas Gerais. Em seguida, passaremos a considerações sobre o fenômeno das mídias locativas e, por fim, procederemos a um breve estudo de caso, um relato do projeto de documentário locativo dedicado ao mapeamento das edificações em estilo *art déco* na cidade. Em síntese, propomos analisar o recurso às mídias locativas (*locative media*) enquanto ferramenta de pesquisa e divulgação do conhecimento histórico.

ART DÉCO EM JUIZ DE FORA-MG

Para Telma Correia (2008: 49), *art déco* “ainda se coloca como o termo mais apropriado e abrangente para caracterizar uma determinada tendência de arquitetura que se difunde no país entre a década de 1930 e meados dos anos 1950, na medida em que dá conta de características relevantes dessa produção e está claramente vinculada a um período específico”. Segundo Marcos Olender (2011: 260), no Brasil “o *art déco* prolifera em várias cidades, de diversos portes, destacando-se principalmente naquelas que nasceram ou que tiveram um desenvolvimento urbano significativo nas décadas de vinte a quarenta do século XX”. Podemos citar Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Juiz de Fora e Goiânia. Além de se identificar com o concreto armado, o *art déco* se transforma no estilo preferido dos programas arquitetônicos nas primeiras décadas do século XX.

Correia (2008: 50) sugere que “o aspecto inovador da arquitetura *art déco* situa-se na frequente simplificação geometrizar de seus elementos decorativos e na diversificação e atualização de suas fontes de influência ornamental”. Ainda segundo a autora, o estilo “incorporou

referências à máquina, às vanguardas artísticas, a manifestações de arte primitiva e de arquiteturas da Antiguidade, assim como o uso cenográfico de luz artificial” (2008: 50). Em Juiz de Fora, outrora conhecida como a “Manchester Mineira”, o *art déco* surge como forma de expressão de uma nova época econômica, social e cultural. Nessa cidade, aponta Marcos Olender (2011: 261), as geométricas “flores de pedra” do *art déco* substituiriam os “jardins orgânicos” de ferro e vidro do *art nouveau*. Utilizando-se de ornamentos geométricos em diversas e caprichosas composições, a aplicação deste estilo em Juiz de Fora parece diferenciar-se de outras cidades da região e do país. Isto se dá pela própria disposição das aberturas e dos espaços internos. De acordo com Olender (2011: 264), o arquiteto Raphael Arcuri ganhou notoriedade na cidade por importantes construções em *art déco*, como a Casa Magalhães e a Galeria Pio X — “a primeira galeria comercial construída na cidade e que gerou inúmeras outras que transformaram o centro de Juiz de Fora em um autêntico ‘shopping a céu aberto’, atração que ainda encanta os seus habitantes e aqueles que a visitam” (OLENDER, 2011: 265).

O Cine-Theatro Central, localizado na Praça João Pessoa, ainda que não expresse destacadamente o estilo, é ladeado por duas edificações consideradas representantes do *art déco*. Nesse sentido, o conjunto consolida “um ambiente urbano que, secundado pela simplicidade ornamental da grande fachada principal do Central, manifesta um clima *art-déco*” (OLENDER, 2011: 261). Hugo Arcuri, filho de Raphael, pretendeu adequar o Cine-Theatro Central à estética *déco* assumindo a fascinação do estilo pelos maquinismos contemporâneos. Deveras, Leonardo B. Castriota (apud OLENDER, 2011: 262) considera o *art déco* um estilo que se adaptava perfeitamente às novas exigências e programas modernos “de uma sociedade que se via às voltas com a mecanização do seu cotidiano”.

SOBRE AS MÍDIAS LOCATIVAS (*LOCATIVE MEDIA*)

Marc Tuterts e Kazys Varnelis (2006) observam que as mídias locativas emergiram ao longo da segunda metade da década passada como uma resposta à experiência descorporificada e excessivamente atada à tela (*screen*) da *net art*, ansiando por um território para além das galerias ou telas de computadores. Inicialmente proposto por Karlis Kalnins, o termo *locative media* foi o foco

de certo número de eventos nessa mesma época, sendo o mais significativo deles o Locative Media Workshop organizado pelo RIXC, o Centro de Cultura das Novas Mídias ou Centro de Arte e Mídia Eletrônica em Riga, na Letônia, em 2003. Um relatório produzido por ocasião do *workshop* delineava o escopo das nascentes mídias locativas, afirmando que equipamentos GPS (*Global Positioning System*) acessíveis têm dado a amadores os meios de produção de suas próprias informações cartográficas com precisão militar. Em oposição à *web*, o foco aqui é espacialmente localizado, e centrado no usuário individual; uma cartografia colaborativa de mente e espaço, lugares e as conexões entre eles (Tuters e Varnelis, 2006). Em “Headmap Manifesto” (1999), espécie de texto fundador para as mídias locativas, Ben Russel observa que dispositivos móveis conectados em rede e “conscientes” de sua localização tornam possíveis anotações invisíveis atreladas a espaços, lugares, pessoas e coisas (1999: 4).

Segundo André Lemos (2008), “Podemos definir mídia locativa (*locative media*) como um conjunto de tecnologias e processos info-comunicacionais cujo conteúdo informacional vincula-se a um lugar específico”, com ênfase no uso e apropriação de espaços urbanos, sugerindo novas relações entre mídia, cidade e ciberespaço.³ Lemos assinala que os primeiros projetos de *locative media art* datam do final dos anos 1990 e buscavam escrever e desenhar o espaço urbano com GPS, como *GPS Drawing*, de Jeremy Wood, ou *Amsterdam Realtime*, de Ester Polak. O autor classifica a arte com mídias locativas de hoje em cinco categorias: (1) **anotações urbanas eletrônicas** (*geo-annotation*): escrita eletrônica do espaço que indexa dados digitais a determinado local; (2) **mapeamentos e etiquetas geográficas** (*geotags*): produção de cartografias diversas, vinculando informações como dados biométricos, fotos, textos, vídeos e sons a mapas; (3) **redes sociais móveis** (*mobile social networking*): sistemas de localização de pessoas que criam possibilidades de encontro ou troca de informações por meio de *smartphones*; (4) **jogos computacionais de rua** (*pervasive computational games*): nos quais o jogador deve percorrer o espaço urbano (ver os trabalhos do grupo britânico Blast Theory); e, finalmente, (5) **mobilizações inteligentes** (*smart e flash mobs*): mobilizações políticas e/ou estéticas que utilizam as LBT (*Location-Based Technologies*) ou LBS (*Location-Based Systems*) para organizar ações efêmeras no espaço público (Lemos, 2009, 94-5). Lemos (2009) apresenta também a modalidade de **vigilância e monitoramento**: projetos que exploram ameaças à privacidade e anonimato por meio de novas tecnologias.

Somem-se às categorias acima modalidades abrangendo narrativas literárias e os chamados **GPS filmes**, narrativas audiovisuais que demandam deslocamento geográfico do espectador.

A arte com mídias locativas (*locative media art*) deriva de tendências e movimentos artísticos predecessores que visavam recontextualizar a obra de arte, levando-a para fora do museu — a *land art*, por exemplo. Surge também da necessidade de repensar a relação do ser humano com o seu entorno geográfico, muitas vezes o espaço urbano — mas também regiões inabitadas (desertos, reservas ecológicas, etc.). Paul Dourish observa que o mundo tecnologicamente mediado não se encontra separado do mundo físico no qual está embutido; ao contrário, ele promove novas maneiras de se compreender e se apropriar do mundo físico (2006: 6). Christiane Paul explica que “[a]s mídias locativas usam uma localização no espaço público como uma “tela” (*canvas*) para a implementação de um projeto artístico e têm se tornado uma das mais ativas e crescentes áreas da *new media art*” (PAUL, 2003: 216).

O LABORATÓRIO DE MÍDIAS LOCATIVAS E CINEMA GPS (LaLoca) E O PROJETO DE DOCUMENTÁRIO LOCATIVO SOBRE O *ART DÉCO* EM JUIZ DE FORA

Baseado no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com filial na Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD), EUA, o *Laboratório de Mídias Locativas e Cinema GPS* (LaLoca) reúne em seus projetos pesquisadores brasileiros e estrangeiros, bem como bolsistas de iniciação científica. Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), o LaLoca tem por objetivo principal estabelecer um polo de produção e pesquisa de mídias móveis. Até o momento, o LaLoca tem se concentrado na produção de filmes locativos com roteiro interativo e recurso a ferramentas abertas, criadas e liberadas em *software* livre.

O primeiro conteúdo audiovisual confeccionado pela equipe do LaLoca é um documentário locativo sobre o *art déco* em Juiz de Fora. Ao transitar pelo centro da cidade, o visitante que dispuser de um celular ou *tablet* com GPS terá acesso a minidocumentários que resgatam a história de edificações em estilo *art déco*. Os minidocumentários estão vinculados a posições geográficas específicas, cada um correspondendo a uma edificação, e são exibidos quando o usuário se posi-

ciona ao redor da fachada de cada prédio selecionado. Os edifícios escolhidos são alguns dos mais representativos do estilo arquitetônico. Procurou-se traçar um roteiro de visitação que privilegia o deslocamento a pé pelas ruas do centro, embora o espectador-visitante (ou interator) possa alterar sua rota sem nenhum prejuízo da experiência. Cada minidocumentário mescla depoimentos de especialistas e pesquisadores com registros em foto e vídeo. O projeto encontra-se atualmente em fase avançada de pós-produção. Foram editados e finalizados cinco “fragmentos” ou “episódios”, com duração de 1-3 minutos cada. O roteiro começa na Praça João Pessoa, onde duas edificações em estilo *art déco* emolduram o largo, tendo ao fundo o Cine Theatro Central. Em seguida, o espectador-transeunte pode visitar a Galeria Pio X e o prédio dos Correios, na Rua Marechal Deodoro. O trajeto sugere a descida pela Marechal, onde várias outras pequenas edificações no estilo *art déco* ainda podem ser observadas, até a Av. Getúlio Vargas, onde podem ser visualizados o Rio Hotel e a Casa Magalhães. O roteiro segue pela Rua Batista de Oliveira até a esquina da Rua Halfeld, onde se localiza o Cine Palace. Finalmente, o trajeto sugere a descida da Rua Halfeld em direção à Praça da Estação, onde fica o Hotel Renascer. Nesta etapa de pós-produção e implantação, o LaLoca conta com o apoio da Casa de Cultura Digital de São Paulo. Os cinco capítulos mencionados acima serão publicados em duas plataformas: primeiramente no âmbito do projeto “Arte Fora do Museu”, da Casa de Cultura Digital, e depois por meio do *software* livre Walking-Tools (<http://www.walkingtools.net/>), desenvolvido pelos professores Cicero Silva (UFJF) e Brett Stalbaum (UCSD), pesquisadores do LaLoca.

O projeto em questão tem finalidade educativa e turística, auxiliando na experimentação de rotas de aprendizado arquitetônico e fruição do espaço urbano. De acordo com Telma Correia (2008: 47-8), a arquitetura que incorpora as tendências do estilo *art déco* é pouco conhecida e valorizada, e tem visibilidade desproporcional à sua presença, ainda muito forte, no cenário urbano brasileiro. Nesse sentido, a importância do projeto enquanto ferramenta de pesquisa e divulgação do conhecimento histórico reside no resgate, mapeamento e valorização das edificações no estilo *art déco* em Juiz de Fora. Em outras palavras, o documentário locativo procura explorar efeito polêmico apontado por Stalbaum e Silva (2011: 4), o fato de que, “(...) quando a computação e a geolocalização se cruzam, o olho humano passa a ‘realmente olhar’ para o que está lá nesse local”.

Vale dizer que o projeto de documentário locativo sobre o *art déco* em Juiz de Fora não se

esgota na publicação dos cinco episódios elaborados. Estima-se a continuidade do mapeamento das edificações em *art déco*, com o objetivo de se organizar uma memória detalhada da sobrevivência dessa arquitetura na cidade contemporânea. A interatividade do projeto também pode ser ampliada, com inspiração em obras como *PDPal* (2003), de Marina Zurkow, Scott Paterson e Julian Bleeker, uma ferramenta de mapeamento para registro de experiências pessoais de fruição do espaço público.

Enfim, todo o conteúdo continuamente acumulado em pesquisa sobre o *art déco* em Juiz de Fora pode ser disponibilizado não apenas em interface audiovisual por meio de telefones celulares com GPS ou internet, *pads* e demais dispositivos móveis, mas também em experimentos de visualização com recurso a métodos e tecnologias como a Analítica Cultural, do grupo de pesquisa Software Studies (<http://lab.softwarestudies.com/2009/03/analitica-cultural-historico.html> ; <http://lab.softwarestudies.com/2010/03/versao-alpha-do-novo-software-de.html>).

Com efeito, o projeto de documentário locativo sobre o *art déco* em Juiz de Fora se inscreve no contexto de escalada da “internet das coisas” (*internet of things*: <http://www.iot2012.org/>) e, no limite, acaba por sugerir experimentos acerca de “edifícios com memória”. Segundo Tuters e Varnelis, de acordo com a International Telecommunication Union (ITU), estamos no limiar de uma sociedade de objetos em conexão ubíqua. Em breve, de acordo com o ITU, objetos serão os maiores usuários da internet, trocando intensamente dados entre si. Essa é a “internet das coisas”, um cenário de objetos informatizados e quase “sencientes” que nos leva a considerar a proposta de “*spimes*” de Bruce Sterling - e, mais radicalmente, nos remete à porta que se recusa a abrir para Joe Chip em *Ubik*, de Philip K. Dick (1991: 23-24). Os “*spimes*” de Sterling são objetos sensíveis ao lugar e ao ambiente, auto-conectados, auto-documentados, e capazes de transmitir informações detalhadas sobre onde têm estado, onde estão e para onde vão, ao longo de todas as suas “vidas”. A idéia de Sterling nos estimula a pensar em “edifícios-*spime*”, em patrimônios arquitetônicos beneficiados por tecnologias do gênero — o uso de tecnologia a serviço da memória, num modelo não muito distante dos prédios inteligentes de São Paulo e outras metrópoles mundiais, mas com propósitos diferenciados.

Creemos que o trabalho procedido pelo LaLoca responde a uma nova sensibilidade contemporânea no que diz respeito à vivência da arte e do patrimônio, cenário já examinado por Néstor

García Canclini (2012) em seu livro *A Sociedade sem Relato: Antropologia e estética da iminência*. Com o projeto de documentário locativo sobre o *art déco* em Juiz de Fora, pretendemos inicialmente colaborar com a valorização da memória arquitetônica da cidade, bem como investigar as possibilidades e resultados do recurso às mídias locativas como ferramenta de preservação cultural. De certa maneira, pensamos em resgatar a arquitetura *art déco* de Juiz de Fora por meio do uso de dispositivos móveis, revigorando a relação do indivíduo com a estética de sua cidade. Num primeiro passo, a idéia é instruir e informar o cidadão sobre a história e a natureza da edificação que ele visita. Numa segunda etapa, podemos pensar em “edifícios com memória”, sensíveis ao seu ambiente e às pessoas que nele circulam — uma imagem próxima à dos “*spimes*” de Sterling. O recurso às mídias locativas oferece um leque variado de possibilidades. Cada edifício, monumento ou obra de arte exposta na cidade pode ser envolta em “nuvens” de informação.

Paralelamente à implementação do projeto, reflexões de ordem ética, discursiva e metalinguística têm emergido neste momento, embora sejam ainda esboços a partir de trabalhos como o de Galloway e Ward (2006). Com base nos métodos da arqueologia, Galloway e Ward propõem investigações sobre quais tipos de relações sociais/espaciais são possíveis em determinados projetos de mídias locativas. Nosso trabalho de mapeamento e catalogação do estilo *art déco* em Juiz de Fora acaba por envolver algumas das questões discutidas por Galloway e Ward (2006). Estamos cientes de que iniciativas de catalogação, classificação e, em última análise, revalorização de artefatos culturais, podem e devem estar sujeitas a reflexões de caráter metodológico e processual. Estimamos que a reflexão teórica sobre as práticas do LaLoca amadureça nos próximos anos em paralelo à implementação de projetos.

Por fim, decidimos expor este relato neste encontro no sentido de testar nossas hipóteses e objetivos, trocar experiências e coletar críticas e sugestões, pois muito trabalho ainda deve ser feito e muitas possibilidades ainda restam por ser exploradas.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. *A Sociedade sem Relato: Antropologia e estética da iminência*. São Paulo: Edusp, 2012.

CORREIA, Telma de Barros. Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.16, n.2, p. 47-104, jul.-dez. 2008.

GALLOWAY, Anne, WARD, Matthew. Locative Media as Socialising and Spatialising Practice: Learning from Archaeology. In: *Leonardo Electronic Almanac*, vol.14, n.3-4, 2006. Disponível em http://cast.ap.buffalo.edu/courses/s10/media_urbanism/wp-content/readings/Galloway_3.pdf. Acesso em 5 ago. 2012.

LEMOS, André. Mídia Locativa e Territórios Informacionais. In: ARANTES, Priscila e SANTAELLA, Lúcia (orgs.). *Estéticas Tecnológicas*. São Paulo: Educ, 2008. Disponível em http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia_locativa.pdf. Acesso em 4 ago. 2012.

_____. Arte com Mídias Locativas. *Enciclopédia Itaú de Arte e Tecnologia: Revista Cibercultura*, 2009. Disponível em <http://www.cibercultura.org.br/tikiwiki/tiki-print.php?page=Arte%20com%20M%C3%ADdias%20Locativas>. Acesso em 4 ago. 2012.

_____. Arte e Mídia Locativa no Brasil. In: LEMOS, André, JOSGRILBERG, Fábio. *Comunicação e mobilidade: Aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil*. Salvador: Edufba, 2009, p. 89-108.

OLENDER, Marcos. *Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.

PAUL, Christiane. *Digital Art*. London: Thames & Hudson, 2003.

STALBAUM, Brett, SILVA, Cicero Inacio da. Mídias locativas e a esfera pública. In: *Revista Zona Digital*, Ano 1, n.3. Disponível em <http://zonadigital.pacc.ufrj.br/reflexoes-criticas/midias-locativas-e-a-esfera-publica/>. Acesso: 4 ago. 2012.

TUTERS, Marc, VARNELIS, K. Beyond Locative Media: Giving Shape to the Internet of Things. *Leonardo* 39, n.4, 2006, p. 357-363. Disponível em: <http://networkedpublics.org/locative_media/beyond_locative_media>. Acesso: 10 nov. 2011.

1 Universidade Federal de Juiz de Fora; Mestre em Comunicação e historiador.

2 Universidade Federal de Juiz de Fora; Professor de Cinema do Instituto de Artes e Design e do Mestrado em Comunicação; coordenador do LaLoca.

3 Ainda segundo Lemos (2008), “Esse conjunto de processos e tecnologias caracteriza-se por emissão de informação digital a partir de lugares/objetos. Esta informação é processada por artefatos sem fio como GPS, telefones celulares, palms e laptops em redes Wi-Fi ou Wi-Max, Bluetooth, ou etiquetas de identificação por rádio frequência, RFID (Radio Frequency Identification). As mídias locativas são utilizadas para agregar conteúdo digital a uma localidade, servindo para funções de monitoramento, vigilância, mapeamento, geoprocessamento (GIS), localização, anotações ou jogos. Dessa forma, os lugares/objetos passam a dialogar com dispositivos informacionais, enviando, coletando e processando dados a partir de uma relação estreita entre informação digital, localização e artefatos digitais móveis. Várias empresas, mas também artistas e ativistas, têm utilizado a potência das mídias locativas como forma de marketing, publicidade e controle de produto, mas também como escrita e releitura do espaço urbano, como forma de apropriação e ressignificação das cidades.”